

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

**Yara de Oliveira Barros**

**O PAPEL DAS PLANTAS PARA FORMAÇÃO DO LUGAR E DE COLETIVOS  
HUMANOS E NÃO HUMANOS NO QUILOMBO MANZO NGUNZO KAIANGO,  
BELO HORIZONTE, MG**

Belo Horizonte

2018

Yara de Oliveira Barros

O PAPEL DAS PLANTAS PARA FORMAÇÃO DO LUGAR E DE COLETIVOS  
HUMANOS E NÃO HUMANOS NO MANZO NGUNZO KAIANGO, BELO  
HORIZONTE, MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do 8º Período do Curso de Ciências Socioambientais.

Orientador: Prof. Dr. Emmanuel Duarte Almada

Belo Horizonte

2018

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus pais e minha irmã Carolina. Em especial a minha mãe Cristina que sempre deu apoio aos meus sonhos e que devido a ela alcancei minha formação. A mãe Efigênia pela alegria de voltar a ser saudável e por me ajudar em vários momentos de minha vida, inclusive neste Trabalho de Conclusão de Curso.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é um estudo de caso que reflete sobre um conjunto de bens materiais e imateriais para a formação e continuidade da comunidade quilombola Manzo Ngunzo Kaiango localizado hoje: em Santa Efigênia e em Santa Luzia. Diante disso foi realizada como parte da metodologia uma entrevista com a matriarca do quilombo Mãe Efigênia para entender melhor a atuação das plantas para a produção de lugares e entender a atuação das relações humanas e não humanas.

Assim é dado ênfase no papel das plantas para se cultuar os orixás, e ainda associá-las como parte dessa re-territorialização da comunidade quilombola. Atribuindo as plantas como parte do processo de constituição e continuação do Manzo. Desta forma conclui-se que as plantas são fonte de força, de axé, portanto são através delas que se faz a o espaço transformar em lugar e conseqüentemente ser parte da territorialização Manzo Ngunzo Kaiango.

**Palavras Chave:** Quilombo, Território, Orixás

## ABSTRACT

The present Course Conclusion Essay meditates about a group of material and imaterial goods for the formation and continuity of the Manzo Ngunzo Kaiango quilombola community, today located at Santa Efigênia and Santa Luzia. In view of this, an interview with the matriarch Mãe Efigênia of the quilombo was carried out as part of the methodology, in order to better understand the performance of plants for the production of places and to understand the performance of human and nonhuman relations.

Thus, emphasis is placed on the role of plants in worshipping orixás, and also to associate them as part of this re-territorialization of the quilombola community. Assigning the plants as part of the process of constitution and continuation of Manzo. In this way it is concluded that plants are a source of strength, axé, so it is through them that space is transformed into place and consequently be part of the territorialization Manzo Ngunzo Kaiango.

**Key words:** Quilombo, Territory, Orixás.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	14
<b>2.1 Objetivo Geral</b> .....	14
<b>2.2 Objetivos Específicos</b> .....	14
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	15
<b>4. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	15
<b>4.1 Não humanos: relações dos povos tradicionais com os espíritos e as plantas</b> .....	15
<b>4.2 Território, espaço e lugar</b> .....	18
<b>5. PLANTAS NO MANZO</b> .....	20
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	45

## **APRESENTAÇÃO**

### **COMO CONHECI MANZO NGUNZO KAIANGO**

Os primeiros contatos com a comunidade quilombola Manzo Ngunzo Kaiango aconteceram em 2016 através da disciplina “Catar Folhas: saberes e fazeres do povo de axé”, pertencente ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando na ocasião me matriculei e tive as aulas com diversos mestres das comunidades, culturas e religiões afro-brasileiras. Em razão disso, conheci as duas moradoras ( a matriarca e sua filha de sangue e santo), as mestres Mãe Efigênia Maria da Conceição conhecida como Mametu Muiandê ou Mãe Efigênia, e Cássia Cristina da Silva também chamada de Makota Kidoiale.

A disciplina coincidiu com um período da minha vida em que minha saúde estava debilitada. Cheguei a participar das aulas com as mãos enfaixadas pois estavam queimadas devido a uma reação alérgica. Por um momento quase tranquei meu semestre acadêmico. Foi aí então que iniciei a imersão e os primeiros contatos com Manzo Ngunzo Kaiango. Naquele momento de muita dor física, mas também mental devido a minha condição de saúde, iniciei um contato mais significativo e fundamental pelo menos para mim que estava doente. Desde a primeira aula Mãe Efigênia foi extremamente acolhedora e otimista em relação a mim. Ela através do candomblé, das plantas e os não humanos (entidades espirituais) me ajudaram a livrar da doença, obtendo assim minha cura. A partir daquele momento entendi que manzo era um conjunto de práticas: fé, resistência, persistência, empoderamento, respeito, paciência, relações com pessoas que não são da comunidade (mas que são sempre recebidas com muito carinho), enfim, percebi que nascia um grande respeito de minha parte pela comunidade, mas mais do que isso, comecei a ter um olhar sobre os povos tradicionais de uma maneira respeitosa e significativa. Foi daí também que o desejo de fazer o meu Trabalho de Conclusão de Curso em torno de uma temática que envolvesse uma comunidade tradicional.

### **PROJETOS DESENVOLVIDOS**

Manzo atualmente presta serviços sociais, através de um projeto que, devido a perseguição religiosa por parte da Prefeitura de Belo Horizonte em 1998, esteve totalmente paralisado por

um tempo, mas que atualmente retorna com o mesmo nome sendo chamado de Kizomba. Esse projeto é de oficinas de capoeira, danças, penteados afro, maculelê, samba, uso de folhas medicinais, entre outras atividades baseadas em um saber que une os conhecimentos tradicionais a um processo de combate à intolerância religiosa e racial<sup>1</sup>.

O quilombo também realiza festivais abertos à população, com as festas das entidades espirituais como a de Pai Benedito, realiza eventos para a divulgação da culinária afro-brasileira, festivais de dança afro, expõe sempre palestras sobre o cotidiano e luta pelo seu território. Também divulgam sobre a religião Bantu<sup>2</sup> e ainda realizam sessões de Candomblé abertas ao público.

Diante de toda essa sua organização, projetos e interação com as pessoas não pertencentes ao Manzo, a comunidade consegue resistir ao longo dos anos e com desafios que até então vieram a existir. Um exemplo é o caso da ida para um outro lugar (Santa Luzia) e que também passa a ser o Quilombo Manzo, adquirindo assim uma forma de transformação, mas nem por isso a perda das práticas tradicionais culturais religiosas afro-brasileiras.

Dessa forma, os moradores de Manzo Ngunzo Kaiango quando não estão envolvidos com as práticas religiosas como o candomblé e interação com as plantas, estão participando e fazendo outros projetos sociais internos e externos. Assim, é a família que Manzo constrói, ou seja, estão todos sempre uns ajudando e colaborando diretamente ou indiretamente para a existência e continuidade da comunidade quilombola.

---

<sup>1</sup> Texto retirado de: <http://www.saberestradicionais.org/mae-efigenia-maria-da-conceicao/>. Acesso: 09/12/2018

<sup>2</sup> Texto retirado de <http://kilombomanzo.org/> Acesso: 09/12/2018

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará o Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango nas duas cidades em que está localizado no estado de Minas Gerais. A sua origem é em Belo Horizonte na região leste, no bairro Santa Efigênia em 1960. Onde desde então vivem membros da família, que possuem vínculo direto com as tradições religiosas iniciadas com a umbanda, e que na atualidade é cultuado o candomblé. A outra porção do território do quilombo está localizado em Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), em um terreno onde atualmente realiza as sessões de candomblé e mora Efigênia Maria da Conceição, também conhecida como Mameto Muiandê ou Mãe Efigênia, a matriarca do quilombo. É aí o principal local em que se cultivam as plantas medicinais que são essenciais para os rituais candomblecistas e ainda fazem o papel de construção e continuidade do quilombo, sendo Santa Luzia também um lugar com valor de afeto e sustentação ritualística.

O quilombo Manzo Ngunzo Kaiango teve origem segundo Queiroz (2015, p.10) em Santa Efigênia com Mãe Efigênia e seus filhos.

Tudo inciou quando a família, neste caso os pais e a avó de Efigênia (que nesta época tinha 9 anos) veiram de Ouro Preto para Belo Horizonte em busca de tratamento em 1960 devido a avó ter se queimado e BH ser a cidade que apresentava mais recursos para o tratamento de sua saúde. Outro fator que também os trouxera para BH é que um dos filhos do padrasto de Mãe Efigênia trabalhava no “Jornal Estado de Minas”, desta forma, a família teria um apoio. A partir disso, segundo Marques, a chegada na cidade, Mãe Efigênia aos onze anos começava inconscientemente iniciar o quilombo Manzo, já que nesta idade começa a receber a entidade espiritual “Pai Benedito”, apesar da sua mãe ser muito católica e não aceitar (2015, p. 31).

A vida que se seguiu nos anos mais tarde não foi fácil, mãe Efigênia enfrentou grandes dificuldades financeiras, tendo inclusive que ir morar na rua com seu filhos pequenos. Ela trabalhava no bairro Funcionários fazendo faxinas, lavando e passando roupas durante o dia e à noite ajudava as pessoas através da incorporação do Pai Benedito. Foi assim que também adquire um terreno, como forma de gratidão de um patrão do qual ela realiza um trabalho espiritual para ele. Mas o problema é que o patrão não consegue terminar de quitar rodas as parcelas deste terreno dado a Efigênia e o então dono devolve o dinheiro para ela e pede para sair deste lugar.



Com a devolução, Mãe Efigênia compra onde atualmente é o Quilombo Manzo no bairro de Santa Efigênia. Foi neste lugar que se concretizou as sessões de umbanda e que mais tarde virariam também candomblé.

Neste local por muitos anos Mãe Efigênia pensou estar tranquila com suas práticas religiosas e ainda garantido seu território familiar. Mas os vizinhos ao longo dos anos invadiram o seu território, cortaram suas plantas sagradas, como é o caso do jatobá, árvore onde eram colocadas as oferendas para os orixás e entidades espirituais.

Fazendo assim, necessária a criação de um novo lugar onde pudesse cultivar as plantas sagradas, e ainda dar continuidade e resistência ao quilombo. Portanto hoje em dia Manzo também está localizado em um terreno em Santa Luzia, onde há o espaço para as plantas e práticas religiosas.

Dessa forma, Makota Cássia<sup>3</sup>, quando ministrou em 2016 a disciplina Catar Folhas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), relatou a perda da árvore de jatobá, onde atualmente foram construídas quatro casas no lugar pelos vizinhos, pessoas que não pertenciam à comunidade Manzo em Santa Efigênia. Foi assim que iniciou processo da perda de sua territorialidade e re-territorialização do quilombo.

De outra forma, e também representando uma ruptura forçada com as práticas religiosas, a prefeitura de Belo Horizonte através da Defesa Civil, perseguiu a matriz do quilombo Manzo, lugar que até então era o único território em que se faziam as giras<sup>4</sup> e práticas do candomblé e da umbanda, em Santa Efigênia. Em 1998 a prefeitura, alegando que uma das casas estava com “problemas de infiltrações e umidade causando danos nas ferragens das lajes e vigas, mas que não indicava o risco de desabamento do imóvel”<sup>5</sup>, retirou às pressas e sem nenhum comunicado prévio a comunidade Manzo de seu território, isolando e proibindo a comunidade de ter acesso ao sagrado e suas casas. Destruiu a casa onde Mãe Efigênia morava, a casa dos santos, desmancharam a cozinha<sup>6</sup> e derrubaram a camarinha<sup>7</sup>, configurando assim a

---

<sup>3</sup> Filha de sangue e de santo da Mãe Efigênia, pertencente ao quilombo Manzo.

<sup>4</sup> A gira é o espaço para as cerimônias religiosas, para as rodas de capoeira, de maculelê e de samba (MARQUES, 2015. p.127).

<sup>5</sup> Notificação de Risco de 18 de outubro 2011” ( Blog Acervo Combate Racismo Ambiental, 2012) Acesso 18/11/2018

<sup>6</sup> Cômulo da casa de grande importância para as religiões de matriz africana, é neste cômulo que são preparados as comidas e oferendas de santo.

intolerância religiosa. (YOUTUBE, Entrevista: Candomblé do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Parte 01, 2017).

A preocupação com seu território é demonstrada na fala da Makota Cássia que faz menção ao governo e sua ideia de separação da comunidade e sua terra, fazendo com que a terra não pertença aos povos de quilombos. Esta preocupação é descrita na fala a seguir:

Então a questão nossa de terra, a ligação dos quilombos é... pela terra essa preocupação nossa, de ter certeza de que o que é nosso é nosso, é isso, é de perder a nossa identidade é de perder até mesmo a nossa segurança, porque ali naquele território, naquele local que a gente sente mesmo guardiões das nossas histórias, guardiões de nossos saberes e é aonde a gente consegue reproduzir isso e ter a certeza que a nossa história continua. Então eu não sei o que acontece com o estado porque no momento que ele descobre e que a gente vai se apresentar ao governo quem realmente a gente é quem realmente nós somos, a gente vê que o problema maior é aquilo que é a nossa identidade, que é o nosso território. O estado consegue reconhecer a comunidade mas não consegue reconhecer o território da comunidade, que é o que a comunidade tem de mais certo que é dela. Então é isso que a gente procura: é a resposta, a gente procura ter a certeza pra gente poder continuar seguro do nosso próprio grupo, da nossa própria história e continuar resistindo às nossas culturas e às nossas tradições. Sem território, a gente não consegue sinceramente resistir às tradições da nossa comunidade, do nosso povo. (MAKOTA CÁSSIA, CEFET- MG- Seminário Vozes da Resistência, 2015)

Em decorrência dessas perseguições religiosa e cultural, fez-se necessária a busca e reconhecimentos por meios democráticos, como é o caso dos regulamentos e certificações por parte governamental que se fortalecem que asseguram os direitos pessoais, sociais e comunitários. Diante disso Manzo Ngunzo Kaiango foi reconhecido como quilombo no ano de 2007 pela Fundação Cultural Palmares:

Terreiro de Candomblé da Nação Angola Manzo Ngunzo Kaiango, que se autorreconheceu, e foi certificada em 13/03/2007 pela Fundação Cultural Palmares, como remanescente de quilombo. (Registrada no Livro de Cadastro Geral nº10, Registro nº 942, fl.07 e publicação no DOU do dia 16/04/2007 (MARQUES, 2015, p. 4)

No caso de Manzo, o seu território não era remanescente direto de escravos, pois o terreno em Santa Efigênia foi adquirido (compra) pela matriarca. Segundo Marques (2015, p. 1): “Manzo se autodeclara quilombola”.

---

<sup>7</sup> A Camarinha é um ritual de iniciação, de vivência, de aprendizado, de assentamento, e de transmissão de poder na Umbanda. Disponível em: <https://paipedrodeogum.blogs.sapo.pt/66810.html> Acesso 17/11/2018

Eu não me identifico com os escravos e sim com os quilombolas. Não estou acostumada a obedecer e servir, eu sou do lado livre. Eu acho que é por isto, a sensação de liberdade o tempo todo. Eu acho que ser quilombola é diferente de ser escravo. Escravo para mim é sempre a imagem de alguém servindo, apanhando. Já o quilombola eu vejo pronto para a luta exigindo os direitos. Esta é a diferença, por isto nós somos quilombolas, vejo isto em mim e nos meus irmãos. ( Makota Cássia, retirado de MARQUES, 2015, p. 71)

E ainda a Fundação Cultural Palmares (FCP) esclarece:

[...] esta Fundação Cultural Palmares (FCP) não certifica essas comunidades a partir de um trabalho de conferência de quem é ou não quilombola, mas, sim, respeitando o direito à autodefinição preconizado pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), certifica aquelas comunidades que assim se declaram. (Site FUNDAÇÃO PALMARES, Certificação Quilombola, 2003)

Diante desta busca por direitos, e após dois anos do seminário Vozes da Resistência (2015), realizado no CEFET, houve o recente reconhecimento do quilombo como Patrimônio Cultural Imaterial através do Conselho Estadual de Patrimônio Cultural (Conep).

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável. (Trechos da convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2013, p 3)

Atualmente, no quilombo Manzo em Santa Efigênia, vivem cinquenta e duas pessoas<sup>8</sup>, cerca de 11 famílias. Entretanto, antes da ida para o abrigo, a comunidade Manzo já chegou a atender com o projeto Kizomba<sup>9</sup>, setenta e duas<sup>10</sup> crianças e adolescentes carentes da região de Santa Efigênia.

---

<sup>8</sup> <http://www.kilombomanzo.org/> Acesso: 18/11/2018

<sup>9</sup> Projeto de capoeira, dança e percussão

<sup>10</sup> Número retirado do YOUTUBE, Entrevista: Candomblé do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Parte 01, 2017). Acesso: 18/11/2018

O presente trabalho deu ênfase nas relações desta comunidade com o meio ambiente, ou melhor, a adjacência territorial. Desta forma, relacionei como elemento fundamental o papel das plantas para a continuidade e preservação deste povo. É evidente que não somente as plantas fazem essa cultura ser o que é, contudo a representatividade das ervas, das árvores é muito forte para o povo da nação Bantu, como é o caso do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, que faz uso destas como parte dos seus costumes tradicionais.

A retirada das plantas sagradas impossibilita os meios de cultivar e substancializar os orixás. É aí que entra o papel das plantas para constituir um outro espaço em Santa Luzia transformando-o em lugar. Portanto, como relatado ao padre Geraldo Gabriel<sup>11</sup>, Mãe Efigênia a pedido do caboclo índio Ubirajara (não humano) adquiriu em Santa Luzia, o terreno que hoje também é o quilombo Manzo Ngunzo Kaiango onde foram plantadas as árvores e ervas para a continuidade do quilomblé<sup>12</sup>. Apesar da comunidade não se referir com o uso da palavra “quilomblé”, eles não se veem sem a religião, portanto somente não usam este termo técnico, mas demonstram e relacionam grande importância da religião para o Manzo, sendo a base de sua origem e continuidade das práticas tradicionais.

A seguir, estão os mapas das localidades do Manzo Ngunzo Kaiango. A figura um é o mapa do Manzo em Santa Efigênia e a figura dois é o Manzo em Santa Luzia. Enquanto que a figura três demonstra o quilombo nos dois pontos do mapa.

---

<sup>11</sup> Informação obtida através do Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=dOSZiKheMdE&t=476s>) e ainda em entrevista com Mãe Efigênia para este trabalho.

<sup>12</sup> Quilomblé é um neologismo criado por pesquisadores participantes do Núcleo de Estudos em Populações Tradicionais e Quilombolas - NuQ-UFMG que estudam e/ou apoiam as lutas da Comunidade pela titulação de seu território, e é resultante da junção das palavras Quilombo e Candomblé. (MARQUES, 2015, p. 5, retirado da nota de rodapé).



FIGURA 1 - Mapa da localização do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, em Belo Horizonte, Minas Gerais.  
Fonte: Google Maps. 2018 Disponível em:  
<https://www.google.com.br/maps/place/Kilombo+Manzo+Ngunzo+Kaiango/@-19.9515733,-43.8808081,12z/data=!4m5!3m4!1s0xa699832006daeb:0xe5411e8a73ee8499!8m2!3d-19.9283205!4d-43.9079527> Acesso: 17/11/2018

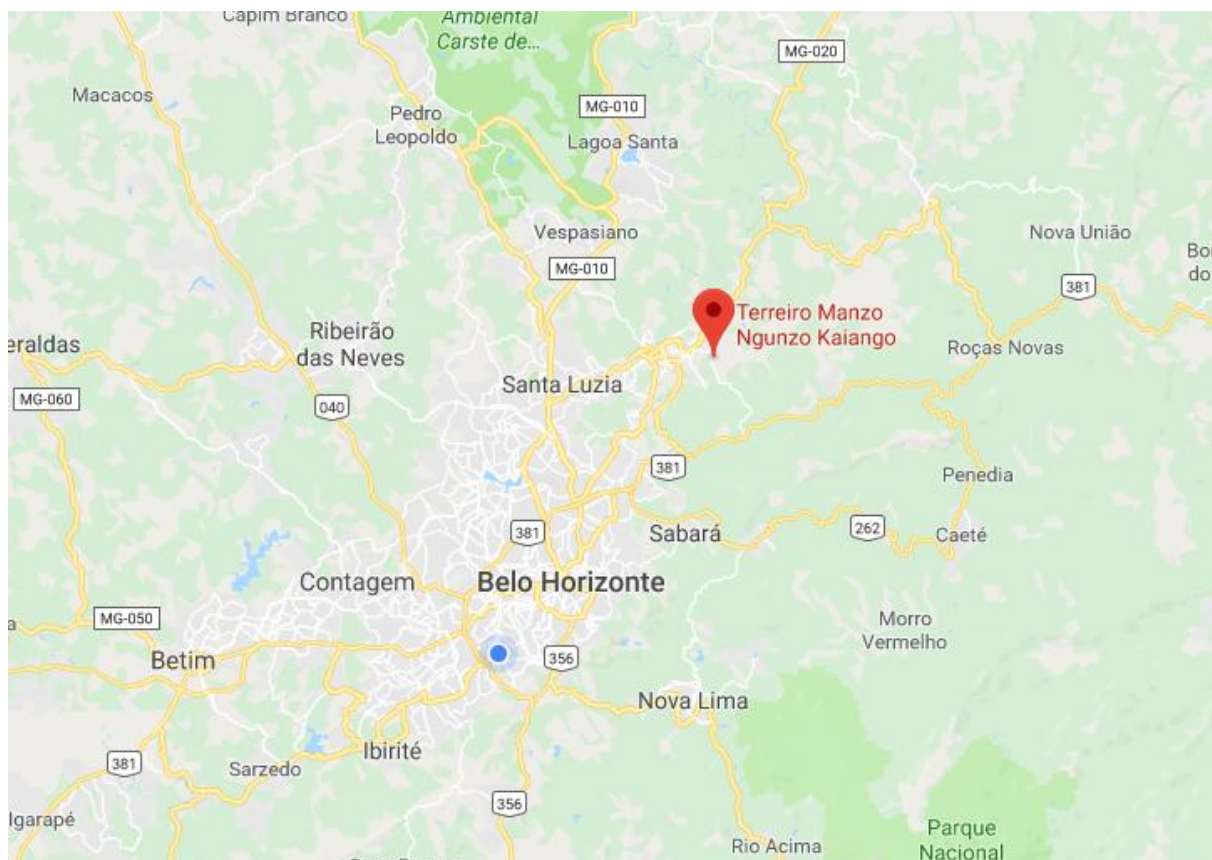


FIGURA 2 - Mapa da localização do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, em Santa Luzia, Minas Gerais. Fonte: Google Maps. 2018 Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Terreiro+%E2%80%8BManzo+Ngunzo+Kaiango/@-19.8416934,-43.9556227,10.25z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0xbd48e3484e94ce17!8m2!3d-19.7735446!4d-43.8346299> Acesso: 17/11/2018





FIGURA 3 - Mapa das localizações do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, em Belo Horizonte e em Santa Luzia, Minas Gerais. Fonte: Google Maps. 2018 Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=quilombo+manzo+santa+luzia+endere%C3%A7o&npsic=0&rflfq=1&rllha=0&rllag=-19850932,-43871291,9414&tbm=lcl&ved=2ahUKEwihtLkgNzeAhUBh5AKHeKGANAOtgN6BAGFEAQ&tbs=lrf:!2m4!1e17!4m2!17m1!1e2!2m1!1e2!3sIAE,lf:1,lf\\_ui:2&rldoc=1#rifi=hd::si::mv:!1m2!1d-19.688443408575527!2d-43.5145789586914!2m2!1d-20.008141249698024!2d-44.16483225458984!4m2!1d-19.848372819685974!2d-43.83970560664062!5i11](https://www.google.com.br/search?q=quilombo+manzo+santa+luzia+endere%C3%A7o&npsic=0&rflfq=1&rllha=0&rllag=-19850932,-43871291,9414&tbm=lcl&ved=2ahUKEwihtLkgNzeAhUBh5AKHeKGANAOtgN6BAGFEAQ&tbs=lrf:!2m4!1e17!4m2!17m1!1e2!2m1!1e2!3sIAE,lf:1,lf_ui:2&rldoc=1#rifi=hd::si::mv:!1m2!1d-19.688443408575527!2d-43.5145789586914!2m2!1d-20.008141249698024!2d-44.16483225458984!4m2!1d-19.848372819685974!2d-43.83970560664062!5i11) Acesso: 17/11/2018.

## 2. OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo Geral

Descrever atuação das plantas para a criação dos lugares de territorialização do quilombo Manzo Ngunzo Kaiango.

### 2.2 Objetivos Específicos

- Relatar o papel das plantas no sistema cosmológico de Manzo Ngunzo Kaiango;
- Compreender o papel das plantas como sujeitos que atuam na comunicação e relações entre humanos e não humanos;

- Compreender o papel das plantas na produção do *lugar* pelo quilombo Manzo.

### 3. METODOLOGIA

Para este trabalho foi utilizado o estudo de caso além da revisão bibliográfica sobre o tema utilizado assim trabalhos acadêmicos, artigos publicados e livros. Além disso, foram realizadas buscas em sítios da internet, internet, por meio da consulta a sites oficiais governamentais e plataformas virtuais como o Youtube com material referente ao quilombo. O levantamento bibliográfico contou com os relatos apresentados por uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, ambas tendo como sujeito de pesquisa o Quilombo Manzo Ngunzo kaiango.

Além disso, foi feita a visita à comunidade quilombola Manzo Ngunzo Kaiango para a realização de entrevista com a líder da comunidade, Mãe Efigênia. Diante disso, associei a entrevista semi-estruturada com fotos das plantas sagradas coletadas no quilombo Manzo em Santa Luzia. Foi utilizado um aplicativo de gravador do celular, com permissão da líder do quilombo, para registro da entrevista.

### 4. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 4.1 Não humanos: relações dos povos tradicionais com os espíritos e as plantas

É hora de tratar da pedra de Nunkui. Entza pega a tigela de *pininkia* onde ela está, cobre-a com outra *pininkia* de dimensões idênticas e enterra profundamente o pequeno receptáculo ao pé uma touceira. Assim aprisionado, o *nantar* irá exercer a sua ação benéfica sem nenhum perigo para o bebê. Essas pedras mágicas são, de fato, dotadas de uma vida autônoma que lhes permite se deslocarem sozinhas; se ficassem à solta, elas se aproximariam sub-repticiamente das crianças para chupar-lhes o sangue. Felizmente, Entza conhece um *anent*, que sua mãe outrora lhe ensinou permite enganar essas sanguessugas minerais para que não ataquem os humanos. Em resposta a esta invocação, os *nantar* ficam vermelhos como brasas atizadas e a energia fecundadora que tiram de Nunkui se difunde nas plantas. [...] convém ainda dar regularmente de beber aos *nantar* canibais infusões de urucum, substitutivo metafórico do sangue de que eles tanto gostam. (DESCOLA, 2006, p. 115)

O trecho acima foi retirado do livro *As lanças do Crepúsculo*, cujo o autor Philippe Descola refere-se a uma prática de uma tradição indígena da etnia Jivaro, localizada na Alta Amazônia



nas fronteiras do Equador e do Peru. Um dos membros da tribo, a partir de um sonho que teve com Nunkui (espírito feminino das roças), e que para a tribo Jivaro é a representação da fartura de alimentos e que dá força para a terra continuar a produzir, expõe o ritual para o autor do livro demonstrando a importância de Nunkui para o seguimento ancestral das práticas para aquela tribo externalizando assim, como parte da organização Jivaro.

Apoiando-se neste sonho ele pratica o costume tradicional da tribo: coloca a “pedra”(pequeno pedaço de estilhaço de silicato de cor avermelhada com pontos brilhantes) dentro de uma tigela vedada de cerâmica e a enterra. Este trecho demonstra a comum relação coletiva do povo da tribo Jivaro com os seres não visíveis. Reforçando assim este fundamento como parte dos costumes e vida do povo Jivaro, uma vez que foi através do sonho a visão de onde estava a “pedra”, que este “objeto ganha significação e representatividade imaterial, considerado como sagrado para a tribo Jivaro.

Meu objeto de estudo há elementos em comum com o povo Jivaro, neste caso, abordarei o quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, que para se sustentar coletivamente como comunidade tradicional religiosa e quilombola (quilomblé), tem como alicerce um conjunto de práticas tradicionais, como por exemplo a importância das ervas, árvores sagradas e orixás. Também é um coletivo invisível que é parte especificamente do processo de construção da comunidade e ainda como elemento fundamental para continuidade do quilombo Manzo. Assim, para Barros (2011):

As árvores são objetos de culto dos mais antigos e são consideradas moradas de espíritos e de ORIXÁS. Árvores de forma e tamanho excepcionais são sagradas e suas partes (galhos, folhas, raízes e troncos) são utilizadas para propósitos ritualísticos e de rotina pela comunidade. Assim, os atabaques<sup>13</sup> e outros utensílios são confeccionados com madeiras sagradas de espécies variadas, o mesmo ocorrendo com emblemas e representações de alguns ORIXÁS. (Capítulo Culto das árvores)

Dessa maneira, Barros (2011) e Prandi (2005) também relacionam as árvores aos orixás, atribuindo forças da natureza, permitindo assim formas de cultuar os não humanos:

---

<sup>13</sup> O mesmo que tambores.

O candomblé também conserva a idéia de que as plantas são fonte de axé, a força vital sem a qual não existe vida ou movimento e sem a qual o culto não pode ser realizado. A máxima iorubá "kosi ewê kosi orixá", que pode ser traduzida por "não se pode cultivar orixás sem usar as folhas", define bem o papel das plantas nos ritos. As plantas são usadas para lavar e sacralizar os objetos rituais, para purificar a cabeça e o corpo dos sacerdotes nas etapas iniciáticas, para curar as doenças e afastar males de todas as origens. Mas a folha ritual não é simplesmente a que está na natureza, mas aquela que sofre o poder transformador operado pela intervenção de Ossaim<sup>14</sup>, cujas rezas e encantamentos proferidos pelo devoto propiciam a liberação do axé nelas contido. (PRANDI, 2005, p. 7)

Descola (2006), também descreve a relação do povo indígena com a interação com os não humanos no seguinte trecho:

De cócoras diante do pé de mandioca, ela canta para ele em voz doce, uma pequena súplica :  
Sendo uma mulher Nunkui, eu vou chamando o comestível para a existência  
As raízes *sekemur*, lá onde estão apoiadas, lá onde se encontram, eu as fiz assim,  
bem separadas  
Sendo da mesma espécie, depois da minha passage elas continuam nascendo  
As raízes de semekur se “especiaram”  
Estão vindo para mim  
Sendo uma mulher Nunkui, eu vou, chamando o comestível para a existência  
Atrás de mim, respondendo ao meu apelo, ele continua nascendo. ( DESCOLA,  
2006, p. 119)

O fragmento acima tem a finalidade, para as mulheres da tribo Jivaro, a invocação das almas das plantas. Assim é contido o vampirismo das pedras Nunkui. Com isso, apesar de ter sido transplantado um pé de mandioca por exemplo, através do canto, ainda sim é possível que ao invés de ficar com raiva, a pedra Nunkui permita que a terra gere alimento. O canto juntamente com o enterramento da pedra e ainda o costume de beber urucum representando o sangue, acalma o espírito permitindo assim que o plantio tenha êxito. ( DESCOLA, 2006, p. 120 ).

Portanto para os Jivaros, quanto para a comunidade do quilombo Manzo o coletivo como é, incluindo os seres humanos e não humanos<sup>15</sup> como fundamental, fazem deles ser e ter sua cultura diferenciada e com seus costumes próprios.

---

<sup>14</sup> Ossain é o pai das plantas sagradas e milagrosas. Possui o poder sobre qualquer tipo de vegetação e delas consegue extrair as curas de todos os males. Retirado da página: <https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-ossain/>

<sup>15</sup> Os espíritos como parte imaterial mas nem por isso menos importante, pois é através desta comutação que a comunidade se sustenta.

Assim Pires *et al* (2009) estabelece que as ervas têm para as religiões de matriz africana um valor simbólico irrefutável e de propósitos ritualísticos, sendo parte da rotina das comunidades dos terreiros. Diante disso, está havendo uma preocupação por parte dos pais e mães de santo com relação a perda da flora, uma vez que o uso de plantas sagradas atende aos aspectos litúrgicos das casas-de-santo e possui um caráter farmacobotânico, empírico e individual (p.4).

Pellegrino (2015) diz que o conhecimento da diversidade vegetal por parte das comunidades tradicionais vem se acumulando ao longo do tempo e ambiente em que vivem. Para ela, as plantas são usadas nas comunidades quilombolas para a ornamentação, para o combustível, e controle e cura das doenças. Desta forma, o conhecimento dessas espécies “estão ligados diretamente à manutenção da saúde e da sobrevivência de uma comunidade” (p. 10).

E também Pellegrino (2015) conclui no estudo realizado na região da Paraíba, no município de Coremas nas Comunidades quilombolas Mãe D`água, constituída por noventa famílias, e a Comunidade Santa Tereza sendo constituída por cento e quarenta famílias, que “conhecem e dependem dos recursos vegetais para suas práticas médicas tradicionais, seja por questões culturais, econômicas ou pela dificuldade de acesso à medicina convencional” (p.34).

Rabinovich (2008), corrobora que as plantas são essenciais para o tratamento das doenças e limpeza dos ambientes, conforme o trecho a seguir:

Andamos pelo terreiro e são nomeadas as plantas para a limpeza, jurema, aroeira, espinheira cheirosa, e mais: espada de Santa Bárbara (pontuda); espada de Oxuns; sangue de lavoura: para gases; abre caminho; bálsamo; bijus ou São Gonçalo (cheiro forte) para limpar energia; juiz de paz: inflamação para mulheres; capetinha do diabo ou avelude: para câncer, verruga, queima demais, só uma gota; carqueja do campo; vassoura de botão: mal olhado; anticoncepcional; mal me quer: vermífugo e antiinflamatório; cabriola: para esticar cabelo; malva branca (e vermelha): para inflamação de dente; “sedegoso”: febre, dor de cabeça, conjuntivite, vermelhão (erisipela); mata-pasto: coceira; língua de vaca. E outras. Este conhecimento, elaborado e acumulado por indígenas e africanos, representa uma inestimável riqueza do país. Em um espaço pequeno de terreno, proliferavam uma impressionante variedade de ervas medicinais. (RABINOVICH, 2008, p. 99)

## **4.2 Território, espaço e lugar**

Garcia assim define o conceito de território para os povos tradicionais:

É preciso notar que a percepção de território para essas comunidades não são limitadas semanticamente pela estrutura física do ambiente natural que habitam, como aponta em seu livro “Antropología del Territorio” de 1976. Assim não é possível classificar o território de um povo baseado unicamente em um estudo técnico do ambiente que vivem pois cada dessas comunidades constrói valores semântico (sociais e espirituais) própria a sua cultura. Percebe-se o território como a extensão do espaço onde o grupo pratica atividades a partir de sua semântica com o meio natural .

Os povos tradicionais, como é o caso dos quilombolas, resguardam o território porque entendem que fazem parte dele, ou seja, para eles, parte de sua ancestralidade passa pela continuidade das mesmas práticas que os mais velhos faziam. Assim, sem a responsabilidade de lidar com o meio ambiente em que vivem não teriam como dar continuação na religião e práticas tradicionais.

O autor Yi-Fu Tuan dá a ênfase na diferença entre os conceitos de espaço e lugar. Para ele, existe uma influência cultural própria na percepção e diferenciação destes termos. ( 1930, p.5 e 6). “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (Tuan, 1930, p. 6).

Isso ocorre com a história de resistência do quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, uma vez que para se manter como quilomblé, depende diretamente de um espaço físico geograficamente falando para as plantas e rituais, e se faz reinventar hoje em dia, existindo assim dois territórios, dois lugares dotados de afeto, significados e percepções de valores.

Ainda para este autor, “O Lugar é uma classe especial de objeto” (Tuan, 1930, p. 14). Para ele, o lugar está contido dentro de um espaço geográfico, porém é atribuído-lhe valores sentimentais. Portanto, o lugar difere do espaço pois um é além das fronteiras, envolve no objeto de estudo Manzo valores culturais ritualísticos e é lhe dado significados.

No caso da palavra espaço como demonstrado na página 14, “é dado pela capacidade de mover-se” (Tuan, 1930), ou seja, é não estar contido dentro dos sentimentos e valores de afeição, é parte do mundo, pode ser um espaço que não tenha a sensibilidade/percepção dotada de afeto ou valor de alguém.

Para Tuan, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. (1930, p. 151). Logo, o quilombo Manzo assim que começa a plantar e atribuir locais sagrados em Santa Luzia, passa a partir daí a ter dois lugares de afeto e valores, um sem o outro tornam-se espaços.

Tanto que Santa Efigênia, que é a origem do quilombo Manzo, (que é dotada de lembranças afetivas) e que dá um sentido de lugar e continuidade quilombecista ao quilombo Manzo como em Santa Luzia,( hoje responsável pelo cultivo das plantas) são hoje em dia uma só comunidade.

Tuan (1930) explica a relação dos ambientes míticos com o sentimento de lugar:

O espaço mítico orientado tem outras características gerais. Organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades ou lugares significantes dentro do sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo através da classificação de seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, conseqüentemente transformando o espaço em lugar. (TUAN, 1930, p. 103)

Logo a integralização dos dois espaços do Manzo: atualmente os dois territórios se fundem, se fortalecem. Agora não mais são separados, já que os dois são para a comunidade um único Manzo. Pertencem e são a continuidade das práticas desta comunidade, é a forma que encontraram para continuarem resistindo como quilombé.

## **5. PLANTAS NO MANZO**

O quilombo Manzo Ngunzo Kaiango foi fundado por Efigênia Maria da Conceição também conhecida como Mametu Muiandê ou Mãe Efigênia. Mulher negra sendo bisneta de escrava, tataraneta de português, conta que desenvolveu a mediunidade espiritual aos onze anos de idade, depois de ficar com muito mal-estar e ser levada pela mãe para o hospital a fim de ser tratada. Após três idas ao hospital, a enfermeira de plantão aconselhou a mãe a levar Efigênia a uma casa espiritual. Mesmo sendo muito ligada ao catolicismo e relutar contra, a mãe acaba levando a filha a um centro espírita onde a entidade espiritual Pai Benedito se manifesta através da Efigênia Maria da Conceição e, a partir daí ela começa a atender as pessoas tanto na casa espiritual em que ela trabalhava quanto individualmente no barracão onde morava.

Meu Preto Velho disse assim: que eu tinha uma missão na terra e que a qual eu não poderia abandonar. E que eu tinha que ajudar muitas pessoas que eu vim na terra pra plantar, terminar minha missão que eu não cumpri. (Youtube, 2017, Entrevista: Candomblé do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Parte 01)

O contexto histórico da fundação e estabilidade do Manzo se deu por uma agregação de fatores: o acesso a terra era parte do processo para o sustento material e financeiro familiar, e também de relevância para possibilitar as práticas religiosas que dependem diretamente de acesso a elementos da natureza como a água limpa, o acesso a mata, o plantio das ervas sagradas. Quando a Mãe Efigênia mudou-se para o bairro Santa Efigênia, o local para a constituição da comunidade tinha recursos que os mantinham. Os dois trechos a seguir afirmam isso:

Quando se estabeleceu no bairro Santa Efigênia, no final dos anos 1960, Manzo não se encontrava em uma região densamente povoada. Deste modo, não havia grandes impasses para a instalação de um terreiro de candomblé no bairro, uma vez que naquele momento ainda era possível ter acesso à água pura e plantas, por exemplo, necessárias para os rituais candomblecistas. Entretanto, com o crescimento da cidade, o entorno de Manzo se transformou em uma área intensamente ocupada, restringindo o acesso da comunidade a elementos indispensáveis para a religião. (QUEIROZ, 2015, p.147)

Aqui não tinha muita casa, enchíamos os baldes e tambores de água da mina, o córrego passava lá embaixo, usávamos o córrego para lavar roupa para fora. (Mãe Efigênia, julho de 2012 retirado de MARQUES, 2015, p. 67)

Mãe Efigênia quando questionada sobre a existência das plantas sagradas em Santa Efigênia, conta como era o Manzo antes da perda de seu território:

Tinha as plantas, foi perdendo porque a gente comprou um terreno que tinha fundo para a rua Santiago e frente para Men de Sá, mas eu não tinha muita experiência de nada, o povo foi cercando, cercando, cercando e foi derrubando as plantas e aí nós ficamos nem sem ter onde plantar mais. Eu tinha em Santa Efigênia um lugar no fundo da minha casa que eu plantava horta, eu plantava batata, eu plantava taioba, mostarda, couve, alface, batata doce, eu tinha pé de chuchu, abóbora, bucha, cabaça, tinha tudo plantado. Plantava milho, plantava feijão. Tinha pés de abacate, manga, muitos pés de manga.[...] cajá-manga, tinha pé de jatobá, dois pés de jatobá, ipê.tinha um ipê amarelo lá maravilhoso...ainda tem o pé, mas o vizinho cercou para o lado dele. E para mim não ter confusão com o vizinho, eu ainda cheguei ali em Santa Efigênia com o resto do medo da perseguição, fui muito perseguida lá pelos brancos, pelos vizinhos, então, a polícia, na porta da minha casa. Eu tinha muito medo, hoje não. Eu queria que acontecesse hoje, porque hoje a gente tem proteção. Então eles foram cortando e construindo as casas. E foram me espreitando, espreitando. Aí sobrou aquele pedacinho ali, que eu lutei por ele. Igual eu disse: gente eu estou lutando, eu não estou brigando. Eu estou lutando porque eu não quero perder esse restinho. (MÃE EFIGÊNIA, outubro de 2018)

Diante disso, foi necessária a formação de um outro espaço geograficamente falando para que as práticas ritualísticas, culturais e comunitárias continuassem em BH, no bairro Santa Efigênia onde tudo começou. Hoje em dia este espaço fica em Santa Luzia, MG, onde possui as plantas, o acesso à água, à mata, às casas dos santos. Diante deste espaço formado, pode-se afirmar que existem dois lugares que representam Manzo: tanto a matriz que fica em Santa Efigênia, quanto este último lugar que fica em Santa Luzia, pois um dá o suporte para o outro, sem Manzo de Santa Luzia não seria possível a continuidade da religião, não teria mais onde cultivar as plantas sagradas e ainda dar sequência ao quilomblé.

Sem o espaço para as plantas sagradas, o quilomblé corria o risco de perder um componente de cultura, de sua essência, foi aí que o espaço de Santa Luzia adquire o valor, sentimento de lugar, ou seja, complementa e passa a ser também território Manzo Ngunzo Kaiango.

No caso específico do quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, a constituição da comunidade se dá a partir de uma conjuntura de um coletivo humano e não humano, ou seja, tanto os seres visíveis carnis (pessoas), como os não visíveis, no caso os orixás. As percepções externas da comunidade podem até não dar tanta atenção assim, mas para esta comunidade é parte de um comum coletivo.

No Manzo, os orixás e plantas sagradas são parte da cultura e constituição de um todo que somatizando caracterizam aspectos particulares que os fazem diferenciados de um todo coletivo global. O trecho a seguir demonstra isso na fala de Makota Cássia, a relação da comunidade com um “coletivo invisível”, que é fundamental para caracterizar uma prática tradicional Manzo.

As terras são de nego. Pai Benedito sempre disse isto. Tanto é que minha avó respeitava Pai Benedito, a palavra dele era lei. Até hoje não consideramos isto aqui nosso. Isto aqui é do Pai Benedito, nós moramos de favor. Todo mundo mora aqui de favor. A mãe sempre falou isto: - aqui não é de vocês não. É de Pai Benedito, então vocês não tem direito a nada. ( Makota Cássia, julho de 2013, retirado de MARQUES, 2015, p. 71)

A fala acima faz a junção do coletivo visível e não visível que aqui é citado como a interação da comunidade com o Pai Benedito, uma entidade dirigente religiosa do terreiro de Manzo

Ngunzo Kaiango. Inclusive o quilombo Manzo, muitas vezes ganha também o nome de Senzala de Pai Benedito.

Dessa forma, Verger (1995) e Camargo (2014) relacionam as ervas à fonte de energia e ligação entre os humanos e não humanos durante os rituais de candomblé.

[...] no candomblé, a coisa mais importante é a questão das folhas, das plantas que se utilizam no momento em que se faz a iniciação. A natureza está sempre presente dentro da cerimônia. Antes de se fazer a cerimônia, a gente toma banho de certas plantas, para ter esse axé, essa força que está dentro das plantas". (VERGER, 1995)

É a espiritualidade, todavia, que confere à medicina popular seu caráter sacral, condição que faz alimentar no homem e no grupo social ao qual pertence, a crença nos poderes sobrenaturais dos curadores de diagnosticar doenças, determinar etiologias e de indicar terapias, às quais se admite de eficácia garantida. (CAMARGO, 2014, p.4)

E de acordo com Barros:

[...] a floresta simbólica onde estão as ervas e as árvores sagradas, pode-se encontrar diluída entre as diversas construções que compõem o conjunto arquitetônico do templo. existem outras comunidades que possuem espaços anexos com a mesma finalidade, isto é, a coleta das plantas sagradas. [...] O candomblé é uma religião urbana, e a manutenção de espaços amplos vem se tornando cada vez mais difícil, devido à crescente pressão populacional. (capítulo A floresta de Símbolos, 2011)

Os dois trechos a seguir da autora Camargo fazem referência à importância dos rituais Afro-Brasileiros para a saúde da população. Neste estudo de caso, os rituais são para o bem-estar da comunidade, ou seja, tornam-se também parte da tradição do quilomblé.

Porém, é nas religiões de origem e influência africana que acontece a maior incidência do uso de plantas com propriedades medicinais, em diversas situações ritualísticas, quando a planta desempenha duplo papel: sacral e terapêutico, papéis que se inter-relacionam. Esta é a razão das pesquisas se centrarem nessas religiões, e também deste livro dividir-se em duas partes: uma sobre usos medicinais e outra sobre usos rituais. O leitor perceberá contudo que existem ligações entre os dois usos, aspecto discutido na conclusão do livro. Esta obra é resultado de exaustivas pesquisas de campo e bibliográfica, além de consultas a especialistas das áreas envolvidas nos estudos. (CAMARGO, 1998, sinopse, retirado da contracapa)

Com relação aos rituais que envolvem a cura de males físicos e espirituais, é importante que as atenções se voltem para todos os elementos de que se compõem os processos de cura e tentar compreender a rede de inter-relações e processos interativos que se estabelecem em perfeita coerência com a cosmovisão médica dos integrantes, tanto pacientes como aqueles que participam dos rituais. Seria uma visão holística desta realidade, que envolve curador e paciente num contexto sócio-cultural e religioso que os une em pensamento, palavras e obras. (CAMARGO, 1998, p. 71)



Portanto, é neste quesito também que se faz relevante as plantas para a constituição dos coletivos humanos e não humanos, relacionando-as com a saúde mental, física e espiritual. Para o quilombo Manzo a prática dos banhos com ervas representa o sangue das folhas, ou seja, é através das folhas que se alimenta a alma (disciplina Catar Folhas, 2016). Barbosa Júnior (2014), descreve os dois orixás que representam as plantas para o candomblé e umbanda:

Ossain, orixá das plantas e das folhas, que estão presentes nas mais diversas manifestações do culto aos orixás, portanto, fundamental. [...] Juntamente com Oxóssi, rege as florestas e é senhor dos segredos medicinais e mágicos do verde. Representa a sabedoria milenar pré-civilizatória, a relação simbiótica do homem com a natureza, em especial com o verde. (p. 173)

O conceito da relação do papel das plantas para as religiões de tradições africanas, é mencionado por Botelho (2010), quando descreve o significado das folhas para as culturas sendo utilizadas em todas as épocas dentro dos rituais religiosos ou como parte da alimentação e ainda para a cura de doenças. Desta forma, há o elo entre o homem, a natureza e a divindade, sustentando assim a religião dos Orixás (p.1). E também por Gomes e Pereira (2004), a vegetação representa as características cíclicas da existência da vida: nascimento, maturação, morte e transformação. As plantas são intermediárias para a cura do homem, portanto para a restauração do seu equilíbrio, a planta empresta sua energia fazendo com que haja harmonia (p. 40).

Observando a Natureza, o homem faz dela seus parâmetros e transfere os fenômenos naturais para a sua realidade pessoal [...] Forma-se, pois, o binômio EU=NATUREZA e dentro desta realidade o ser se integra ao universo, tendo um padrão de comparação com sua vivência pessoal. (Gomes e Pereira 2004, p.27)

Também preservam as raízes culturais afro-brasileiras e ainda previnem ou amenizam sofrimentos causadores dos problemas de saúde através do conhecimento e práticas passadas por uma comunidade que é constituída de humanos e não humanos.

Além disto, o papel das plantas na constituição e continuidade do quilomblé, está presente nas práticas e costumes do dia a dia desta comunidade, havendo assim, uma recíproca relação: de pertencimento e ao mesmo tempo respeito com o meio em que vivem, gerando desta forma à

comunidade Manzo uma consciência de incluir todas as formas de existir, podendo ser não humanos ou humanos.

Marques (2015), diz que os orixás são para a comunidade do quilomblé, os elementos da natureza, ou seja: representam a água, a terra, o fogo e o ar: “Os orixás nunca tiveram forma. orixá é um elemento da natureza, é uma energia”. (p. 64).

Conseqüentemente, também são “separados” dentro destas categorias grupais dos elementos da natureza (água, terra, fogo e ar). O próprio nome da fundadora do Manzo, Mãe Efigênia quando traduzido da língua bantu para o português evidencia estes elementos: no caso de Mãe Efigênia o nome significa Senhora dos Caminhos e Vendavais, que representa o elemento ar, já que o seu orixá cabeça é Iansã. Isso reforça o entendimento de que para a comunidade Manzo o meio ambiente é parte de sua cultura. O mesmo ocorre com o nome da comunidade Manzo Ngunzo Kaiango, quando traduzido significa “A Casa da Força de Kaiango”, como a própria Mãe Efigênia explica em uma entrevista ao padre Geraldo Gabriel:

O terreiro é Manzo Ngunzo Kaiango, a casa da força de Kaiango. Kaiango é a qualidade da minha mãe Iansã. Que em Angola não fala Iansã, fala Matamba.[...] é a qualidade dela. (Youtube, 2017, Entrevista: Candomblé do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Parte 01)

Quando entrevistada para este trabalho, Mãe Efigênia no Manzo Ngunzo Kaiango em Santa Luzia, expressa a relação da comunidade com as plantas e ainda fala dos atendimentos realizados quando chega alguém de fora da comunidade:

Porque quem ama e respeita, traz essa tradição de matriz africana, tem que conhecer plantas, tem que conhecer insabas, tem que conhecer ervas porque se chega uma pessoa de repente aqui passando mal, aí eu olho: é coisa minha, é coisa de santo, de ritual, aí eu já tenho a planta aí! Eu já vou correndo na horta, já panho e se tem que rezar peço Katendê, que é o orixá, Deus das ervas.[...] Aí corre ali e tira uma folha, reza para Katendê, vem com aquilo dali e joga na cabeça da pessoa, seja quem for: branco, preto, rico ou pobre, feio ou bonito. (MÃE EFIGÊNIA, outubro de 2018)

Porque sem as ervas, sem as folhas não tem o candomblé. O candomblé é movido pela natureza, então tem que ter as plantas, aí eu fico cuidando das plantas da natureza, porque tudo, tudo, tudo que faz no candomblé é através das plantas. (MÃE EFIGÊNIA, outubro de 2018)

A seguir, estão exemplos de algumas ervas que estão presentes no Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango (Santa Luzia), das quais foram citados na entrevista com a Mãe Efigênia no dia 26 de outubro de 2018:

<b>Orixás (não humanos)</b>		<b>Plantas associadas aos orixás</b>
<b>Bantu</b>	<b>Nagô</b>	
Matamba	Yansã	bambuzal, manjerição roxo
Nzazi	Xangô	manjerição roxo, levante
Katendê	Ossain	manjerição roxo
Kaiaia	Yemanjá	manjerição branco, melissa, alecrim miúdo
Ndandalunda	Oxum	manjerição branco, melissa
Lembá	Oxalá	manjerição branco, boldo peludo, macaé, melissa, alecrim miúdo
Nkosi	Ogum	dendê, alfavaca
Angorô	Oxumarê	boldo do chile
Kavungo	Obaluaê	macaé, babosa, macela
Egun Babá	Egungun	Amora

Quadro 1: Relação dos orixás com as respectivas plantas que os retratam dentro do quilomblé Manzo Ngunzo Kaiango. Elaborado para o Trabalho de Conclusão de Curso pela autora Yara de Oliveira Barros do Curso de Bacharelado em Ciências Socioambientais, 2018.

A seguir, na fala de Mãe Efigênia, há os nomes das plantas que já existiram em Manzo Ngunzo Kaiango localizado em Santa Efigênia e que foram se perdendo à medida que o

espaço físico foi sendo limitado e retirado da comunidade.

Eu tinha em Santa Efigênia um lugar no fundo da minha casa que eu plantava horta, eu plantava batata, eu plantava taioba, mostarda, couve, alface, batata doce, eu tinha pé de chuchu, abóbora, bucha, cabaça, tinha tudo plantado. Plantava milho, plantava feijão. Tinha pés de abacate, manga, muitos pés de manga.[...] cajá-manga, tinha pé de jatobá, dois pés de jatobá, ipê [...] eu estou lutando porque eu quero um pedacinho só de terra para acomodar meu povo. Mas lá não tem onde plantar um pé de boldo mais [...] Aí depois tiraram tudo: manjerição, boldo, açucena, melissa, macelinha, poejo, levante. Eu tinha as ervas todas na casa. As ervas eram todas plantadinhas. Aí não consegui mais condição de plantar, foram espreitando. (MÃE EFIGÊNIA, outubro de 2018)

Além disso, foram citadas na disciplina “Catar Folhas” outras árvores sagradas que também existiam no Manzo em Santa Efigênia, sendo elas o dendezeiro, a jaqueira, o akòko, a embaúba, e o caju. (UFMG, 14 de abril de 2016).

A seguir estão as imagens das plantas sagradas retiradas no Manzo Ngunzo Kaiango em Santa Luzia, no dia 26 de outubro de 2018 quando na ocasião entrevistei Mãe Efigênia.



FIGURA 4 - Peregun, o rei das ervas. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 5- Dendê, representatividade do orixá Ogum. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 6 - Panacea, muito sagrado segundo a Mãe Efigênia. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 7 - Mamona. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 8 - Planta Pariri. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 9 - Quintal. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 10 - Planta Boldo. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 11 - Planta Gameleira, representa o orixá com nome de Kitembo ou Irôko, que representa as estações do ano. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.



FIGURA 12 - Bandeira da Nação de Angola, representando o orixá com nome de Kitembo ou Irôko. Print retirado da página [https://www.youtube.com/watch?v=BShXNpU-6\\_4&t=175s](https://www.youtube.com/watch?v=BShXNpU-6_4&t=175s) acesso: 20/11/2018 Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 13 - Planta Camará-cambará. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.



FIGURA 14 - Planta Camboatá, Pau Magro. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 15 - Planta Capeba, “o coração das ervas” segundo Mãe Efigênia. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 16 - Planta Akòko. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.





FIGURA 17 - Mãe Efigênia com a mão na planta Akòko. Foto retirada pela autora Yara de Oliveira Barros. Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Santa Luzia, 2018.

Ressaltando o papel das plantas na cosmogonia do terreiro, durante a entrevista, ao ser interpelada com a pergunta “sem folha, há orixá”, Mãe Efigênia responde:

Existe o orixá. Não tem meios de trabalhar. O orixá é um elemento da natureza. Já existiam os orixás, os orixás vêm antes das ervas. Só que aí o orixá foi cultuado por um barro, foi cultuado assim, orixá é um vento, é um elemento, cada um pegou uma parte, pegou vários tipos de ervas. (MÃE EFIGÊNIA, outubro de 2018).

É por meio das plantas que se faz presente a vibração do orixá. Durante a entrevista foi mencionado sobre a orixá Iansã, que é a responsável pela cabeça de Mãe Efigênia. Cabeça,

neste caso, não se refere necessariamente a parte anatômica, mas refere-se ao orixá responsável por guiá-la espiritualmente. . Sobre o comentário: “o da senhora que é Iansã ela representa a tempestade, o vento”, Mãe Efigênia me respondeu explicando melhor sobre esta orixá:

E ela representa os bambuzais, e costuma dizer na lenda que os bambus são os cabelos de Iansã. O vento bate pra lá, bate pra cá. E ela está lá. E o bambu fala, eles costumam dizer que o bambu chora, o bambu não chora o bambu fala! Na hora que você passa assim o bambuzal tem uma energia, uma coisa diferente. (MÃE EFIGÊNIA, outubro de 2018).

E ela também mencionou sobre outros orixás:

Oxossi (mutakalambô) é Deus da mata, e Obaluaê é Deus da terra, Mãe Dandalunda(oxum) é das águas doces mas quem manda na chuvas vem de Hongorô e de Matamba, então a gente tem que estar preparado, agradecer a eles quando vêm essa água sagrada, essa maza e Tempo, que ele é que governa nossa Nação de Angola, então o Tempo está em cima de tudo por isso tem essa bandeira na nossa casa. (MÃE EFIGÊNIA, outubro de 2018).

No Manzo são cultuados atualmente um total de dezesseis nkisses (orixás). (YOUTUBE-Entrevista: Candomblé do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Parte 04)

Sobre o que representam as plantas para o quilombo, Mametu Muiandê nos diz:

Minha filha, as plantas representam tudo! As plantas são como se fossem o sangue que corre na veia do quilombo Manzo, porque sem essa energia o quilombo não estava aqui hoje. Então eu vim para cá, plantar. Eles falam assim: fulano é zelador, fulana é matriarca, fulano é a mãe de santo, mas antes de ser matriarca, antes de zelador, antes de ter as plumas, os paetês e as rendas no corpo, a mãe de santo já plantou, já acabou com as unhas, já está com os pés cheio de barro, a roupa cheia de carvão, cortando barranco, fazendo canteiro e plantando as ervas.[...] Então sem as ervas, sem as folhas, sem as insabas não existe, mas não existe mesmo nação nenhuma de matriz africana que toca para frente sem as folhas, e Manzo é o que eu te falei: o sangue das ervas, o sumo é o que corre nas veias de Manzo. Então por isso nós precisamos de conservar a natureza, porque sem a água, temos que preservar porque tudo que você faz dentro de um terreiro precisa da água. São as duas combinações: as águas e as folhas. E eu tô aqui para plantar! Para eu ter o direito de colher. Todas as vezes que a gente vai na mata panhar uma folha, você leva um pedaço de fumo de rolo e coloca no pé da árvore porque não foi você que plantou. Então ali tem alguém que plantou, que cultua, que toma conta, que chama Katendê. (MÃE EFIGÊNIA, outubro de 2018).

Mãe Efigênia na fala acima também demonstra a relação da comunidade Manzo com os não humanos, ou seja, os orixás. Ela fala sobre o modo de apanhar uma folha na mata ou no quintal de alguém, ato que deve ser resguardado pois demonstra o respeito com o orixá que

está tomando conta daquela planta. Ela deixa claro que não gosta do desperdício, que não gosta que apanhe nada mais que realmente precisa. Quando questionada se Katendê representa um orixá masculino ou feminino, ela explica mais sobre sua relação de apanhar folhas:

Masculino, ele é o Deus das ervas, Oxossi é Deus das folhas. Aí você pede ele autorização: oh meu pai, eu estou entrando aqui, Umbanda-jira, eu vim colher essa erva. E sempre panha, eu falo muito isso: só panha aquilo que você vai usar, não panha para jogar fora! Até as folhas secas aqui nós não jogamos fora, a gente panha e joga lá no canto, faz um buraquinho e joga as cascas, as folhas. Você vai ver meus pés de couve, meu manjericão. Acaba com as unhas. Agora acabou. De vez em quando eu tiro uma cutícula, passo uma base, mas eu prefiro as plantas. Eu amo minhas folhas.

As plantas conjuntamente com os orixás e práticas do quilomblé Manzo Ngunzo Kaiango são essenciais para a saúde da comunidade pois são plantas que curam o estado físico e espiritual. Sendo recorrentes a partir do momento em que a medicina confere um estado de alerta para a não cura. Como citado no caso a seguir:

Eu estou com um neném lá em casa que a pediatra disse que vai ter que colocar uma foto dele no posto de saúde Paraíso (Santa Efigênia, BH), para falar do menino que foi curado só com ervas. A cirurgia era vinte e cinco mil reais e nós não tínhamos condições de fazer. E tudo que bebia ia para o pulmão. A médica falou: que não tem cura, ele vai morrer mesmo! Aí a gente começou a chorar. E folhas, ervas, ervas! Folha de macela, aquela macelinha, enche o colchão e o travesseiro. Aquilo ali foi um banho que curou meu bisneto, recomendação do Pai Benedito e meu pai Obaluaê que acabou de fazer o trabalho.[...]. Aqui aparece muita pessoa com problema de cabeça, problema de medo, problema de pneumonia. Então tem coisa que tem como a gente amenizar e quando não é coisa de médico. (Mãe Efigênia, outubro de 2018).

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conceito de território Manzo, se difunde e une os dois espaços, ou seja, o quilombo Manzo é para os seus moradores o lugar, digo no sentido de existir dois espaços físicos, mas que para Manzo se unem através do conceito lugar e atinge através dos laços de afeto, valor e união a unificação do seu território. A importância que o quilombo Manzo atribui às plantas para cultivar e substancializar os orixás levou a comunidade a adquirir mais um espaço em Santa Luzia. Portanto, as plantas são, neste caso, usadas para unir Santa Efigênia a Santa Luzia formando um só Manzo Ngunzo Kaiango. Essa fusão de lugar se explica pela necessidade de

plantar novamente árvores e ervas que foram extraídas de Santa Efigênia, onde se deu o início o quilombo Manzo. Foi a pedido do caboclo índio Ubirajara (não humano) que Mãe Efigênia adquiriu o terreno em Santa Luzia, pois houve a invasão de pessoas não pertencentes à comunidade que aos poucos foram construindo suas moradias e acabando com as ervas e árvores consideradas sagradas. Mais tarde, também houve a intervenção da prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Defesa Civil em 1998, sem nenhum aviso prévio, mediante alegação que uma das casas estava com infiltrações e umidade e que podiam causar danos nas ferragens das lajes. Portanto, a comunidade foi proibida de ter acesso às suas casas e ao sagrado. Após a intervenção da Defesa Civil, as imagens que eram cultuadas no candomblé foram destruídas e a casa onde se faziam as giras também foi derrubada.

Contudo isso foi necessário o espaço em Santa Luzia para dar continuidade às práticas do quilombo Manzo por meio das plantas, pois são através delas que se cultuam os orixás, assim transformou o espaço em lugar. Sem o espaço para as plantas sagradas, o quilomblé corria o risco de perder um componente de cultura, de sua essência, foi aí que o espaço de Santa Luzia adquire o valor, sentimento de lugar, ou seja, complementa e passa a ser também território Manzo Ngunzo Kaiango.

Associados às plantas estão os orixás (não humanos), os espíritos como a parte imaterial, mas nem por isso menos importante. O meio ambiente é tudo aquilo que o pertence na concepção da comunidade como as plantas, os seres humanos e os seres não humanos. Desta forma, e conseqüentemente desta percepção de meio ambiente para o quilombo Manzo, as tradições religiosa e cultural são parte também da comunidade.

Do mesmo modo, as plantas têm seu papel de sustentação no sentimento de ligação à terra e conseqüentemente traz a forma de se cultuar os orixás dentro quilomblé. Assim a cultura se faz presente e resistente para a continuidade das práticas afro-brasileiras, aqui neste caso referente ao quilombo Manzo Ngunzo Kaiango. Na entrevista com Mãe Efigênia, ela explica o que são as plantas para o quilombo Manzo, e segundo ela “ As plantas são como se fossem o sangue que corre na veia do quilombo Manzo, porque sem essa energia o quilombo não estava aqui hoje. Então eu vim para cá, plantar ” (MÃE EFIGÊNIA, 2018).

No Quilombo Manzo, assim como para todo o Povo de Santo, as plantas são sujeitos por meio dos quais os orixás agem no mundo. Diante dos conflitos vivenciados pelo Quilombo de Manzo, se evidencia o papel fundamental das plantas na constituição dos lugares e no processo de territorialização. A afirmação “sem folhas não há axé” poderíamos acrescentar, “sem folhas, não há lugar nem território”.

## 7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. **Terras de Quilombos, Terras Indígenas**, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: Terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM. 2006.

BARROS, José Flávio Pessoa de. **A floresta sagrada de Ossaim: O segredo das folhas**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 2011, 232p.

BOTELHO, Pedro Freire. **O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição AfroBrasileira**. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura – Facom- UFBa 2010 12p. Acesso: 19/11/2018

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **“Plantas Mediciniais e de Rituais Afro-Brasileiros II”**: estudo etnofarmacobotânico. São Paulo: Ícone Editora Ltda, 1998. 232p.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **“As plantas medicinais e o sagrado, considerando seu papel na eficácia das terapias mágico-religiosas”**. 2014 ( Artigo) Revista Nures | Ano X | Número 26 | janeiro-abril de 2014. Conferência de abertura do Seminário Kosi ewe, Kosi orisà – Folhas Sagradas Recife – de 17 a 18 de julho de 2014. Acesso: 26/09/2018

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico** e “‘Cultura’ e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais”. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. 2009.

DESCOLA, Philippe. **“As “Lanças do Crepúsculo”**: relações jivaro na Alta Amazônia. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. 517p.

GARCIA, José Luís. **Antropología del Territorio**. Taller de Ediciones Josefina Betancor. Madrid, 1976, Págs: 13- 21.

JÚNIOR, Ademir Barbosa. **O livro essencial da Umbanda**. São Paulo. Universo dos Livros, 2014. 328p.

MARQUES, Carlos Eduardo. **Bandeira Branca em Pau Forte: A Senzala de Pai Benedito e o Quilomblé Urbano de Manzo Ngunzo Kaiango**. 2015. 345 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual De Campinas, Instituto de Filosofia E Ciências Humanas, Campinas, SP, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281131>>. Acesso: 26/09/2018

PELLEGRINO, Noêmia Suely Lacerda. **Uso de plantas medicinais nas comunidades quilombolas de Coremas**, Paraíba-PB, Brasil. 2015. 59 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9183>>. Acesso: 26/11/2018

PIRES, M.V.; ABREU, P.P.; SOARES, C.S.; SOUZA, B.; MARIANO, D.; SILVA, D.C.; ROCHA, E.A. **Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna**, Bahia, Brasil. Revista Brasileira de Biociências, v.7, n.1, p.3-8, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1108>>. Acesso: 26/11/2018

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados: orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 328p., [16]p. de estampas ISBN 8535906274 (broch.).

QUEIROZ, Ana Maria Martins. **Um quilombo no terreiro: território e identidade em Manzo Ngunzo Kaiango – Belo Horizonte/Minas Gerais**. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-8WGNDL/disserta\\_o\\_ana\\_maria.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-8WGNDL/disserta_o_ana_maria.pdf?sequence=1)>. Acesso: 26/09/2018

Rabinovich, E. P. (2008). O comum em uma comunidade quilombola baiana no século XXI e o terreiro de candomblé. Memorandum, 14, 86-102 Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/9985/7720>>. Acesso: 27/11/2018

TUAN, Yi-Fu. “Espaço e Lugar ” : a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

E ainda conteúdo retirado também da disciplina **Catar Folhas** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais que ocorreu no primeiro semestre de 2016.

*Sites consultados:*

Saberes Tradicionais UFMG. Disponível em: <<http://www.saberestradicionais.org/mae-efigenia-maria-da-conceicao/>>. Acesso: 17/09/2018

Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango. Disponível em:  
<<http://www.kilombomanzo.org/>>. Acesso: 17/09/2018

Comunidades Quilombolas de BH são reconhecidas como Patrimônio Imaterial. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hdqsVoUsu7k>>. Acesso: 25/09/2018

Quilombo Manzo N'Gunzo Kaiango - Belo Horizonte | MG. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=n2\\_23t2ImRc](https://www.youtube.com/watch?v=n2_23t2ImRc)>. Acesso: 25/09/2018

MANZO, Ventos Fortes de um Kilombo. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=KSQPuYJBV1M>>. Acesso: 25/09/2018

Entrevista: Candomblé do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Parte 01. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=dOSZiKheMdE&t=438s>>. Acesso: 21/10/2018

Saberes Tradicionais UFMG. Disponível em: <<http://www.saberestradicionais.org/cassia-cristina-da-silva/>>. Acesso: 22/10/2018

Site Jornal Estado de Minas. Disponível em:  
<[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/10/25/interna\\_gerais,999829/quilombo-em-belo-horizonte-vira-patrimonio-imaterial.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/10/25/interna_gerais,999829/quilombo-em-belo-horizonte-vira-patrimonio-imaterial.shtml)>. Acesso: 25/10/2018



Fundação Cultural Palmares. Disponível em:  
<[http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551)>. Acesso: 28/10/2018

Parte 02 - Seminário Vozes da Resistência. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=VpDgmUqqUFs>>. Acesso: 17/11/2018

Boletim Combate Racismo Ambiental. Disponível em:  
<<https://acervo.racismoambiental.net.br/2012/01/02/pedido-de-ajuda-a-comunidade-quilombola-terreiro-nacao-angola-manzo-ngunzo-kaiango-urgente/>>. Acesso: 17/11/2018

Fundação Pierre Verger. Disponível em: <<http://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/sua-obra/pesquisas/ewe-verger-e-as-plantas.html>>. Acesso: 19/11/2018

Entrevista: Candomblé do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango - Parte 04. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=BShXNpU-6\\_4&t=155s](https://www.youtube.com/watch?v=BShXNpU-6_4&t=155s)>. Acesso: 20/11/2018

Blog Iquilibrium- Ossain. Disponível em:  
<<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-ossain/>>.  
Acesso: 20/11/2018

**Questionário semi - estruturado aplicado à Efigênia Maria da Conceição (Mãe Efigênia ou Mameto Muiandê) no dia 26 de outubro de 2018.**

O que é ser quilombo Manzo para vocês?

Quantas pessoas pertencem ao Manzo hoje?

O candomblé é para vocês parte do quilombo? Os orixás, que pertencem a religião, também são o complemento da comunidade Manzo?

Usando uma expressão popular comum dos terreiros de candomblé, eu faço a seguinte pergunta: sem folha há orixás?

Para vocês, Santa Luzia é o apoio para que o quilombo continue com as práticas religiosas?

O que as plantas representam para o quilombo Manzo?

Vocês têm fotos das árvores sagradas?

O que representa o jatobá? A mangueira e outras ervas para o quilombo Manzo? E para o candomblé?

Quais árvores sagradas vocês têm no Manzo de Santa Luzia? E quais ervas?

O quilombo para vocês está situado nos dois endereços? Tanto em Santa Efigênia como em Santa Luzia?